

## Militâncias em Brazindo do Norte e o Clube do Livro

uma experimentação

## Militancias en Brazindo do Norte y el Club del Libro

una experimentación

João Paulo **Risso**

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul  
(UFMS)

Thiago Donda **Rodrigues**

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul  
(UFMS)

Everton Dutra **Colodetti**

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

### RESUMO

Quais são as políticas de escrita e narratividade encontradas nos trabalhos em Educação (Matemática)? Quais as estruturas dos trabalhos em Educação (Matemática)? Ou ainda, que outras possibilidades de escrita podem ser adotadas nos trabalhos acadêmicos? Movimentado por estas e outras perguntas, o presente ensaio, que pode ser considerado uma experimentação que se inscreve na interface entre Filosofia da Diferença, literatura, política e Educação (Matemática), mobiliza alguns conceitos e ideias de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Sílvio Gallo, bell hooks, Clarice Lispector, dentre outros(as), ao acompanhar as discussões de um clube do livro formado por um professor e duas professoras de Brazindo do Norte e a atuação deles em parceria com seus alunos e alunas. Na criação do conto que dá corpo a este ensaio não há preocupação com estruturas rígidas, com métodos que engaiolam, análise de dados idealizadas ou resultados antecipados; a preocupação é outra: brincar com escrita e convidar à militância e construir uma leitura-experiência e colocar em discussão o racismo e o machismo e a educação matemática e a educação escolar e ficcionar e resistir e.

**Palavras-chave:** Filosofia da Diferença. Literatura. Educação menor. Professor militante. Educação Matemática.

### RESUMEN

¿Cuáles son las políticas de escritura y narratividade que se encuentran en los trabajos en Educación (Matemáticas)? ¿Cuáles son las estructuras de los trabajos en Educación (Matemáticas)? O, ¿qué otras posibilidades de escritura se pueden adoptar en trabajos académicos? Movido por estas y otras preguntas, este ensayo, que puede ser considerado una experimentación que se inscribe en la interfaz entre Filosofía de la Diferencia, literatura, política y Educación (Matemáticas), moviliza algunos conceptos e ideas de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Sílvio Gallo, bell hooks, Clarice Lispector, entre otros(as), al seguir las discusiones de un club del libro formado por un maestro y dos maestras de Brazindo do Norte y la actuación de ellos en colaboración con sus alumnos y alumnas. En la creación del cuento que encarna este ensayo, no hay preocupación por estructuras rígidas, por métodos que enjaulan, análisis de datos idealizados o resultados anticipados; la preocupación es otra: jugar con la escritura e invitar a la militancia y construir una lectura-experiencia y discutir el racismo y el sexismo y la educación matemática y la educación escolar y fantasear y resistir y.

**Palabras clave:** Filosofía de la diferencia. Literatura. Educación menor. Maestro militante. Educación Matemáticas.

Dia desses eu terminei de ler *Pequeno Manual Antirracista*, de Djamila Ribeiro. Nele, a autora apresenta, como o nome do livro sugere, possibilidades de contribuição no enfrentamento do racismo. O livro é de suma importância. A autora convida pessoas brancas como eu a serem antirracistas. Admito que não é uma tarefa fácil, visto que o racismo está enraizado em nossas práticas e em nosso imaginário.

Uma das formas de enfrentamento do racismo, sugerida pela Djamila, que tenho adotado bastante e, que acredito ser um bom começo, consiste em ler autoras e autores negros. Dos oito últimos livros que comprei, sete são de autoras e autores negros. Comprei *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus; *Interseccionalidade*, de Carla Akotirene; *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*, de Sueli Carneiro; *Mulheres, Raça e Classe*, de Angela Davis; *Poemas da Recordação e Outros Movimentos*, de Conceição Evaristo; *Ensinando a Transgredir: A Educação Como Prática de Liberdade*, de bell hooks; *Rastros de Resistência: Histórias de Luta e Liberdade do Povo Negro*, de Ale Santos; e *Divórcio*, de Ricardo Lísias.

Me chamo Vinicius, mas alguns me chamam de Vini. Fique à vontade para escolher. Sou professor de Matemática na rede pública de ensino da cidade de Brazindo do Norte. Comecei a lecionar a cerca de dois anos. Modéstia à parte, faço o melhor hamburger do mundo. Gosto muito de automóveis. Sou muito organizado e metódico. Não me julguem, por favor.

As aulas de 2021 estão prestes a começar. Essas foram as piores férias de final de ano. Com essa maldita pandemia não foi possível fazer muitas das coisas que eu tinha em mente. Terei que adiar. As perspectivas não são as melhores, visto que o desgoverno atual só torna tudo pior. Mas o que esperar de um indivíduo que ignora compras de vacina, chama a pandemia de gripezinha e quem pratica o isolamento social de idiota, que aglomera em plena pandemia, incita ódio, espalha *fake news*, limita ou corta o orçamento de setores essenciais? Vou parar por aqui porque ninguém merece um parágrafo grande.

Coloco minha máscara do RuPaul's Drag Race, minha favorita, pego a mochila e dirijo-me até a escola. Eu não concordo muito em fazer o planejamento de início de ano presencialmente em plena pandemia, mas não posso perder o emprego. Ao chegar, cumprimento os colegas com distanciamento. Para a discussão do planejamento, os professores estão agrupados em duplas, uma em cada sala. Para minha sorte, Letícia, a professora de Filosofia, está sozinha. Sem pensar duas vezes, peço para dividir a sala com ela.

— Oi Le, tudo bem? Posso dividir a sala contigo?

— Oi Vini, é óbvio que pode. “Estou bem” não dá pra dizer né, mas levando. Posso dizer que estou melhor agora que vamos dividir a sala. Uma pena não podermos nos abraçar e termos que ficar um em cada canto da sala. Chato isso né?!

— Muito, amiga. Sinta-se abraçada. O que você fez nas férias?

— Quase nada de diferente. Li bastante, assisti filmes e séries, fiz exercício em casa, arrisquei alguns pratos novos... coisas assim. E você?

— Parece que você descreveu minha rotina, fiz muitas dessas coisas também. Além dessas, joguei muito no PC. Eu queria muito rever amigos, amigas, os meus pais, mas parece que isso não ocorrerá tão cedo.

— Nem me fale.

— O que você tem lido, Le?

— Eu estou lendo *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, de Deleuze e Guattari, alguns artigos científicos e romances da Clarice Lispector. E você?

— Não me julgue amiga, mas li apenas Pequeno Manual Antirracista, de Djamila Ribeiro. A partir desta leitura, comprei outros que pretendo começar em breve. Mas senti falta de ter alguém para discutir.

— Eu também compartilho dessa angústia. Estava pensando esses dias que seria bem legal criar um clube do livro com encontros online pelo *Meet*, por exemplo. Tenho me sentido muito sozinha. O que você acha?

— Eu acho uma ótima ideia, Le. Eu comprei um monte de livro esses dias, seria bacana lê-los no contexto de um clube do livro. Poderíamos convidar os outros professores, também.

— Sim, sim. Apesar da sobrecarga de trabalho que o ensino remoto nos causa, acho que um grupo como esse pode nos fazer bem.

— Ok, Le. Vou elaborar um texto explicando nossa ideia e mandar pelo *Whatsapp* convidando os colegas.

A Le é ótima, amei a ideia dela. Convite enviado! Espero que os outros professores gostem também.

— Le, já mandei os convites, depois podemos criar um grupo no *whats* para decidirmos sobre as reuniões e leituras. Agora vou deixar você trabalhar, já te atralhei demais.

— Que nada, deixa de besteira. Bom trabalho.

Este ano assumi as aulas dos três 3º anos do Ensino Médio da escola em que eu trabalho. Será a primeira vez que dou aula para estudantes desta etapa. Estou animado. No primeiro bimestre estudaremos aritmética, mais especificamente os números complexos. Terminei alguns planejamentos, é hora de voltar para a minha humilde residência. Estou ansioso para criar o grupo, vou dar uma olhada em quem respondeu ao convite. Só a Cíntia topou, os outros alegaram que não poderiam devido ao fato de terem muitas turmas. Vou mandar uma mensagem para a Le.

— Oi Le, não tivemos muito sucesso. Apenas a Cíntia aceitou o convite.

— Oi Vini, sem problemas, será ótimo conosco.

— Vou criar o grupo então: Clube do Livro.

— Oi meninas. Grupo criado. Vou colocar vocês como administradoras, fiquem à vontade para fazerem mudanças.

— Oi, Vini. Adorei. Agradeço a você e a Le por me convidarem, eu estava precisando de uma interação, nem que fosse pelas redes.

— Por nada, Cíntia. Vai ser muito legal nos encontrarmos para conversar. Cadê a @Le?

— Estou aqui gente, desculpe a demora.

— Então meninas, vamos decidir as leituras?

— Antes da gente decidir, de quanto em quanto tempo nos reuniremos?

— Acho que poderia ser a cada 15 dias. O que acham?

— Por mim pode ser, Le. Pra você é bom também, Vini?

— Perfeito, pode ser sim. Aos sábados?

— Pode ser.

— Ótimo.

— Eu pensei em fazermos um pouco diferente, ao invés de lermos um texto por vez, a gente poderia ler três, cada um escolhe um. O que acham meninas?

— Eu gosto da ideia.

— Eu também.

— Combinado então. Eu vou escolher o primeiro capítulo de *Ensinando a Transgredir: A Educação Como Prática de Liberdade*, de bell hooks. Ele é bem curtinho, apenas 12 páginas. Vamos fazer assim, todos nós compramos os livros elencados pelos demais participantes.

— Gostei do título do livro que você escolheu, Vini. Eu estava querendo muito ler bell hooks, chegou o grande dia. Eu não poderia deixar de começar com algo relacionado a Filosofia né, então vou escolher o artigo Em Torno de uma Educação Menor, de Sílvio Gallo. Vocês não precisam pagar para ter acesso a ele, é gratuito. Vou enviar aqui no grupo.

— Ótimas escolhas, pessoal. Podem ficar tranquilos que eu não vou escolher algo relacionado à Educação Física. Vou escolher o romance Água Viva, de Clarice Lispector. Leremos da página 7 a 21.

— Nossa Cíntia, você apelou para o meu ponto fraco, amo a Clarice.

— Combinado então meninas, nos encontraremos pelo *Meet* em duas semanas.

\*\*\*

É hora de iniciar efetivamente o ano letivo. O computador já está ligado e carregado, o plano de aula está aberto, a lista de presença está impressa, a garrafinha de água já está cheia e o caderno de anotações encontra-se na mesa. É hora do show.

São 07:50. Entro na sala do *Meet* com 10 minutos de antecedência. Ainda não tem ninguém. Aos poucos vou aceitando as solicitações de entrada. Até 08:10 tem gente entrando na sala. Aguardo pacientemente. Muitos não ligaram a câmera. Não me importo, mas espero que pelo menos estejam assistindo a aula. Infelizmente, muitos dos alunos não estão na sala.

— Bom dia, turma. Tudo bem com vocês?

— Bom dia, profe.

— E ae Vinicius, beleza? - Interroga um aluno não muito interessado em formalidades adultocêntricas.

— Estou bem, melhor agora que estou revendo alguns rostinhos e conhecendo outros. Bom pessoal, mais um ano está iniciando. Eu sou o Vinicius e serei o professor de Matemática de vocês. Espero que possamos ter um bom ano letivo e que haja muita troca e aprendizagem. Quero aprender muito com vocês. Para não fugir muito do convencional, vamos começar com as apresentações. Se apresentem brevemente. Vocês podem organizar a ordem pelo *chat*.

A apresentação dos estudantes foi relativamente rápida, visto que não há muitos estudantes na sala, fato notado por uma aluna.

— Professor, por que tem poucas pessoas na aula?

— Essa é uma pergunta relevante. Infelizmente não são todos que têm acesso à internet. Estamos tentando contornar esse obstáculo através de atividades impressas.

— Mas não é a mesma coisa, né.

— Não é, infelizmente. Seria muito legal se todos estivessem conosco. Bom pessoal, vamos lá, vou passar uma dinâmica para vocês. Geralmente a professora ou professor de Português pede no início do ano uma redação sobre como foram as férias de vocês. Eu pensei em algo um pouco diferente. Eu gostaria que vocês fizessem um poema sobre as suas férias. Usem a criatividade. Coloquem o poema no *chat*. Se não der tempo de terminar durante a aula, vocês podem enviar no nosso grupo do *Whatsapp*. Mas antes de vocês começarem a fazer o poema, eu gostaria de falar um pouco sobre o primeiro semestre. Nele estudaremos os números complexos. Abordaremos o que é o conjunto dos números complexos, a sua forma algébrica, o conjugado, o quociente de dois números complexos, o módulo, o argumento de números complexos e operações com eles. A minha avaliação não será por meio de provas. Vou avaliar principalmente por meio da participação de vocês nas aulas e da realização das dinâmicas. Quando eu digo dinâmicas, me refiro a atividades, que serão realizadas no decorrer das nossas aulas, como por exemplo o poema que pedi hoje. Além dessas duas formas de avaliação, eu gostaria que vocês me ajudassem a criar uma terceira forma de avaliar. Alguma sugestão?

— Profe, eu acho que a gente poderia fazer assim: Todo mundo tem que contar uma piada no começo da aula. Aí ganha essa terceira nota se a pessoa contar a piada. Se não contar, não ganha.

— É uma boa ideia essa heim, gostei. Só que não pode ser uma piada preconceituosa. Alguém discorda?

— Ahh, profe, onde já se viu avaliar a gente por meio de uma piada?!?! - Comenta um dos estudantes.

— Não, profe. É muito boa a ideia do Leonardo — Comenta uma aluna.

— Pessoal, tomem cuidado com o moralismo. Só é avaliação se for prova escrita? Só se for coisa “séria”? Claro que a avaliação não pode ser qualquer coisa, tem que ser bem pensada. Mas eu decidi acatar a sugestão porque percebi que o Leonardo e os demais estudantes viram nela uma genuína possibilidade de produção, eu não poderia recusá-la após dizer que seriam vocês que iriam escolher. Outro motivo de eu ter aceitado a sugestão do Leonardo se relaciona ao momento que estamos vivendo. Passar por uma pandemia é uma tarefa dolorosa e triste. Rir me pareceu uma possibilidade de escape, de alívio de tensão, ou como diz Paulo Gustavo, “rir é um ato de resistência”. Vai ser interessante o exercício de pesquisar uma piada que não zombe das minorias, a primeira forma de combater o preconceito é detectá-los dentre de nós mesmos, nos discursos e atitudes preconceituosas que ajudamos a perpetuar e não percebemos. Então está decidido. A terceira forma de avaliação será contar uma piada no começo da aula. É isso pessoal, usem esse tempo restante para escreverem o poema.

A aula terminou. Alguns já fizeram o poema e outros vão enviar depois. Esse Leonardo é genial, nem nos meus sonhos eu teria a ideia que ele teve. Agora vou terminar a última leitura do clube do livro.

O final de semana chegou. É dia de estrear o nosso clube do livro. Mas antes vou fazer um leite com café cremoso, que é de longe a oitava maravilha do mundo. Vou mandar uma mensagem para as dorminhocas.

— Oiii meninas, bom dia. Animadas para o encontro?

— Oi Vini, estou sim, mas não quanto você. Acho que você é daqueles psicopatas que acordam todo dia de bom humor.

— Aí que exagerada, amiga. Eu tenho meus dias de luta. Cadê a Le? Sempre atrasada.

— Acho que ela ainda está acordando.

— Oi jovens, cheguei. Vocês são muito madrugadores, meu deus.

— Ou você que é muito dorminhoca. Brincadeira.

— Ou talvez a gente tenha que avisar a Marcela que a cada 14 dias vamos nos reunir, não é mesmo, Vini?

— Hahahahahahaha, arrasou Cíntia.

— Engraçadinhos. Ela nem passou a noite aqui. A realidade é que eu travo batalhas sangrentas com o relógio. Ele quase sempre ganha.

— Hahaha, segue o link, meninas: <https://meet.google.com/fys-uquz-ewt>

— Obrigado, em 20 minutos eu entro.

— Eu também.

— Vini, aceita a nossa solicitação de entrada, não nos ignore.

— Desculpa meninas, eu estava tirando uma água do joelho antes de entrar.

— Tranquilo.

— Estão me ouvindo?

— Sim, Cíntia.

— Estou tão feliz, meninas. Obrigado por terem tirado esse tempinho para nos reunirmos.

— Nós que agradecemos, não é mesmo Le?

— Com certeza, também estou muito feliz. Eu gostei demais dos três textos. Vou confessar pra vocês que teve um que eu li páginas a mais do que o combinado.

— Eu desconfio qual é, Le. O romance da Clarice?

— Esse mesmo, Vini. Obrigado pela indicação, Cíntia. Eu li metade.

— Por nada. Fico feliz que tenha gostado. Acho que a gente poderia começar por ele né?

— Eu topo.

— Eu também. Fique à vontade para compartilhar seus apontamentos, Le.

— Pode ser. Eu gostaria de começar dizendo que estou amando a leitura de *Água Viva*.

A Clarice não economiza nas frases profundas. Para mim, além de literatura, ela produz Filosofia neste livro. Eu destaquei um trecho da página 11: “Vejo que nunca te disse como escuto música - apoio de leve a mão na eletrola e a mão vibra espraiando ondas pelo corpo todo: assim ouço a eletricidade da vibração, substrato último no domínio da realidade, e o mundo treme nas minhas mãos”<sup>1</sup>. Nesse trecho ela mostrou que a personagem criou para si um Corpo sem Órgãos, que é um conceito de Artaud, que foi “roubado” por Deleuze e Guattari, eu nunca tinha encontrado um exemplo tão lindo e claro. Com esse conceito, os autores instauram a ideia de desconstrução do organismo e a ampliação dos usos dos órgãos, entendendo-se órgão para além do sentido literal. Criar um corpo sem órgãos é estar no limite a partir de uma subtração máxima dos órgãos, ou seja, ao invés de um organismo com objetivos e funções, um corpo pleno, onde as coisas se conectam livremente e o corpo não tenha objetivo, imagem ou direção pré-determinada e a ser seguida, ou seja, posso “ouvir” a música com todo o corpo. No terceiro volume de *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari escrevem: “Por que não caminhar com a cabeça, cantar com o sinus, ver com a pele, respirar com o ventre”<sup>2</sup>. Por que não ouvir música com as mãos?

— Maravilhoso, Le. Eu também gostei desse trecho que você destacou, mas não tinha relacionado com o conceito de Deleuze e Guattari, que eu não conheço, mas quando na minha vida eu pensaria em ouvir música com as mãos?!

— Eu também gostei dessa parte, Vini. Achei tendência. Interessante você ter encontrado na literatura uma exemplificação de um conceito filosófico, Le. Acho que o trecho do livro e o conceito nos mostra que a gente tem que desnaturalizar e questionar nossos comportamentos. Ouvindo você falar, ficou forte para mim a ideia de experiência, de estar aberto a novas experiências, comigo mesma e com o mundo. O que mais você destacou, Le?

— Então, gostei bastante também de um trecho da página 37: “Ocorreu-me de repente que não é preciso ter ordem para viver. Não há padrão a seguir e nem há o próprio padrão: nasço”<sup>3</sup>. Achei muito potente essa afirmação da narradora. *Água Viva* é um romance de 1973. Já nessa época a Clarice utilizava a literatura para questionar a ideia de padrão. Eu me identifiquei muito, desde pequena eu quebro padrões. Por eu ser uma mulher negra, lésbica e gorda sempre me forçavam entrar dentro de algum padrão. Conviver com olhares de julgamento e falas cruéis foi, até um tempo atrás, um problema para mim. Mas eu resisti, eu me aceitei do jeito que eu sou. Dos outros eu só exijo o respeito.

— Aí amiga, eu já te disse que você é poderosa?! Eu não cheguei a ler essa parte do livro, mas tenho certeza que eu também me identificaria. Essa questão do padrão é muito cruel mesmo. Na maioria das vezes a gente tenta se enquadrar em padrões sem perceber, outras vezes nos sentimos confortáveis seguindo padrões. Temos que ficar atentos.

<sup>1</sup> Lispector (1998, p.11)

<sup>2</sup> Deleuze e Guattari (1996, p. 10)

<sup>3</sup> Lispector (1998, p. 37)

— Obrigado, Vini, você também é poderoso. Pra Cíntia deve ser tranquilo, ela é toda hétera-padrãozinho-cheia-de-privilégios (risos). Brincadeirainha.

— Olha a “heterofobia” em Le. Zueira. Eu me solidarizo com vocês. É muito interessante e potente o que vocês falaram. Mesmo eu sendo uma “hétera-padrãozinho-cheia-de-privilégios”, pra entrar na zueira da Le, eu acho que eu também não me enquadro dentro de certos padrões criados pela sociedade. Eu às vezes me sinto deslocada quando estou com um dos meus grupos de amigas. Eles têm certos padrões de comportamento que eu não sigo. Concordo com o Vini quando ele destaca que temos que ficar atentos e com a Le quando fala em resistência. Posso apresentar meus apontamentos?

— Claro, manda ver, Cíntia.

— Beleza. Eu gostei muito do livro, fiquei feliz por ter indicado ele. Eu estava querendo ler há um tempão. Durante a leitura eu fiquei me perguntando quem é a personagem principal, que inclusive é a narradora. Vocês conseguiram identificar?

— Eu consegui, ou acho que consegui. Mas é porque eu fui além da página 21. Na página 23 ela escreve: “É tão curioso ter substituído as tintas por essa coisa estranha que é a palavra”<sup>4</sup>. Para mim ela é uma escritora que um dia já foi pintora. A personagem ora ou outra enaltece a palavra.

— Obrigado, Le. Vou dormir mais tranquila hoje. Os meus dois destaques são da página 9 e da 21: “Porque ninguém me prende mais”<sup>5</sup>. “Embora às vezes eu grite: não quero mais ser eu!”<sup>6</sup>. Quando li essas pequenas frases, me senti muito representada. Veio em mente muitos relacionamentos tóxicos antigos, nos quais eu me sentia presa e almejava ser outra pessoa, de outro lugar. Naquelas épocas eu queria ter essa força e empoderamento da personagem. Mas isso é passado, consegui me libertar. Estou muito feliz com o Gabriel. Inclusive tenho que apresentar ele pra vocês. Lendo o primeiro trecho eu fiquei com inveja das amigas da Clarice. Se inventarem uma máquina do tempo, acho que irei escolher tomar chá com ela.

— Chama a gente, amiga, pra tomar chá com a Clarice e pra conhecer o Gabriel.

— Pode deixar. Bom, os meus destaques são esses. Estou muito animada pra continuar a leitura. Passo a palavra pra você, Vini.

— Vamos lá então. Eu também serei rápido, meninas. Assim como a Cíntia, o meu destaque se remete a minha vida, mais especificamente em relação a minha vida profissional. É uma pergunta da narradora/personagem principal que está na página 13: “Que mal porém tem eu me afastar da lógica?”<sup>7</sup>. Essa pergunta mexeu comigo. Por eu ser professor de Matemática, sempre fui reforçado a valorizar a lógica e a racionalidade e, desvalorizar o que se afasta um pouco disso, como a literatura, por exemplo. Quando li esse trecho, parece que me despertei e novas possibilidades surgiram. Dentre os três textos que nós escolhemos, o primeiro que li foi esse. Após destacar essa pergunta, eu comecei a pensar sobre a minha prática. Foi então que pensei que não deveria me restringir somente a ensinar Matemática e ser guiado pela sua lógica. Dei um primeiro passo, na primeira aula pedi para os alunos escreverem um poema sobre as férias deles. Quem disse que não pode ter poesia na aula de Matemática?

— Que bacana Vini, arrasou.

— Você tem os poemas aí? Manda algum pra gente, nos alimente com poesia.

— Pode deixar, meninas. Assim que terminarmos a reunião eu mando no grupo. Acho que a gente pode ir para o segundo texto. Ensinando a Transgredir: A Educação Como Prática de Liberdade?

---

<sup>4</sup> Lispector (1998, p. 23)

<sup>5</sup> Lispector (1998, p. 09)

<sup>6</sup> Lispector (1998, p. 21)

<sup>7</sup> Lispector (1998, p. 13)

- Por mim pode ser.
- Por mim também. Posso começar?
- Manda ver, Le.

— Fechou. Bom, o que falar de bell hooks? Ela é maravilhosa. O que mais me chamou atenção nesse começo do livro, e espero que isso se estenda pelo restante dele, é como a autora utiliza de sua trajetória para movimentar o texto. Eu também li a introdução. Nela, tem uma parte que chamou a minha atenção, na página 12: “Quando entramos em escolas brancas, racistas e dessegregadas, deixamos para trás um mundo onde os professores acreditavam que precisavam de um compromisso político para educar (...) as crianças negras. De repente, passamos a ter aula com professores brancos cujas lições reforçavam os estereótipos racistas. Para as crianças negras, a educação já não tinha a ver com a prática de liberdade. Quando percebi isso, perdi o gosto pela escola. A sala de aula já não era um lugar de prazer ou êxtase. A escola ainda era um ambiente político, pois éramos obrigados a enfrentar a todo momento os pressupostos racistas dos brancos, de que éramos geneticamente inferiores, menos capacitados que os colegas, até incapazes de aprender”<sup>8</sup>. Lendo esse excerto eu chorei, eu me vi nele, eu vivi isso e infelizmente vejo isso ocorrer ainda hoje na nossa escola. A violência que as nossas crianças negras foram e são submetidas na escola é de cortar o coração. Antes da pandemia, eu cansei de ver grupinhos excluindo alunos e alunas negras durante as brincadeiras. Sem falar das ofensas. Precisamos fazer algo. É como diz o título daquela música do Emicida com o Gilberto Gil: é tudo pra ontem. Aliás, escutem Emicida.

— Nossa, Le. É bem urgente fazermos algo mesmo. Quando eu li esse trecho que você destacou eu fiquei me perguntando se eu já não fui como esses professores da autora. Provavelmente já sim. É tenso pensar que esse racismo individual é a ponta do iceberg. Como nos ensina Silvio Almeida, precisamos enfrentar o racismo estrutural. Amoooo Emicida.

— Eu ouvi pouco Emicida. Se vocês estão indicando com fervor, eu vou ouvir. Eu também olhei para as minhas práticas, Vini. Achei a escrita da bell hooks muito potente. Ela propõe muitas reflexões urgentes. Acho que nós, pessoas brancas, temos que colocar em prática uma escuta atenta das vozes negras. A branquitude precisa questionar e repensar suas ações. Em relação ao texto, eu fiz dois destaques. O primeiro é da página 28, no qual a autora traz uma citação que chamou a minha atenção: “Thich Nhat Hanh ressalta que ‘a prática do curador, do terapeuta, do professor ou de qualquer profissional de assistência deve ser dirigida primeiro para ele mesmo. Se a pessoa que ajuda estiver infeliz, não poderá ajudar a muita gente’”<sup>9</sup>. Eu concordei plenamente com o Hanh e fiquei me perguntando o quanto nós professores negligenciamos o cuidado de si. Conheço muitos professores que adoeceram no exercício da profissão por não cuidarem de si mesmos antes de cuidarem do outro. Já pensaram se existisse, em cada cidade, uma instituição pública de psicologia que atendesse os trabalhadores e trabalhadoras? Acho que não podemos colocar a culpa só no ombro de quem adoecer, precisamos fazer uma análise estrutural, nos entendermos enquanto classe trabalhadora. Nossa classe precisa trabalhar muito para ganhar o suficiente para sobreviver. Não é raro encontrarmos exemplos de professores que trabalham os três períodos e usam o final de semana para planejar aula. Isso é desumano. Se não nos articularmos enquanto classe continuaremos mantendo os regimes de dominação. Um outro destaque se encontra na página 30: “Não quero dizer que não houvesse tiranos encantadores e benevolentes, mas minha memória me diz que era raro - extraordinariamente, assombrosamente raro - encontrar professores profundamente comprometidos com práticas

---

<sup>8</sup> hooks (2017, p. 12)

<sup>9</sup> hooks (2017, p. 28)

progressistas”<sup>10</sup>. Esse é um de muitos trechos do primeiro capítulo que dão forma ao que ela está chamando de Pedagogia Engajada. Ela utilizar a própria trajetória para fazer a crítica que ela faz é bem potente. O livro foi publicado em 1994, ou seja, ela faz referência a décadas anteriores ao ano de publicação. Será que após todos esses anos, nós professores estamos comprometidos com práticas progressistas?

— Que pergunta em. Infelizmente a resposta não é tão animadora. Faz isso, Cíntia, acho que o álbum AmarElo é um bom começo para conhecer o Emicida. Você pode assistir o documentário dele que saiu recentemente na Netflix, além das músicas têm os bastidores e histórias do povo negro.

— Nossa, Le, não sabia do documentário. Vou assistir hoje à noite. Valeu, amiga. Quanto à pergunta da Cíntia, vamos ser sinceros, a maioria de nós não se preocupa em colocar em movimento práticas progressistas dentro e fora da sala de aula. Para dar um spoiler do artigo do Sílvio Gallo, parece que poucas vezes deixamos de ser professores profetas para sermos professores militantes. Eu também gostei bastante do livro de bell hooks. Achei muito legal que ela fala com tanto carinho da obra de Paulo Freire. Eu também não consegui me segurar, Le. Li um capítulo a mais. Em relação ao capítulo 1, eu fiz um destaque que se relaciona ao último destaque da Cíntia. Pera, os meus dois são parecidos com os seus, amiga. Estamos sintonizados (risos). Vamos ao primeiro, que se encontra na página 36: “Os professores progressistas que trabalham para transformar o currículo de tal modo que ele não reforce os sistemas de dominação nem reflita mais nenhuma parcialidade são, em geral, os indivíduos mais dispostos a correr os riscos acarretados pela pedagogia engajada e a fazer de sua prática de ensino um foco de resistência”<sup>11</sup>. Eu não sei vocês meninas, mas eu estou disposto a correr os riscos de colocar em prática uma pedagogia engajada e de tornar as minhas aulas de Matemática um foco de resistência.

— Eu também, Vini.

— Eu não vou ficar para trás.

— Eu percebo que fiquei muito em cima do muro, meninas. Eu só dava atenção ao conteúdo matemático, eu sem perceber reforçava a ilusória neutralidade da Matemática. Durante a graduação eu até flertava com as discussões sociais e políticas, mas eu me mantinha distante. Mas nunca é tarde para rever a própria prática. Acho que as leituras que fizemos me deram um empurrãozinho, elas me afetaram. O segundo destaque que eu gostaria de fazer é de um trecho do capítulo “Confrontação da classe social na sala de aula”, mais especificamente na página 244: “Qualquer tentativa da parte de um aluno para criticar os preconceitos burgueses que moldam o processo pedagógico, especialmente na medida em que têm relação com as perspectivas epistemológicas (os pontos de vista a partir dos quais a informação é compartilhada), será vista na maioria dos casos, sem sombra de dúvida, como negativa e perturbadora”<sup>12</sup>. Só para contextualizar, essa afirmação da bell hooks tem forte relação com a história de vida dela. Ela estudou na Universidade de Stanford e colocou no livro suas experiências deste e de outros períodos. Neste capítulo fica bem forte as dificuldades e obstáculos de quem tem origem em uma classe materialmente desprivilegiada ao ingressar em uma universidade elitizada. Eu achei muito interessante essa discussão de classe sobre o contexto educacional. É muito verdade o que ela afirma nesse trecho que eu destaquei. A classe dominante se esforça ao máximo para se manter no poder e coloca rótulos pejorativos em quem a questiona. Eu também notei isso

---

<sup>10</sup> hooks (2017, p. 30)

<sup>11</sup> hooks (2017, p. 36)

<sup>12</sup> hooks (2017, p. 244)

durante a graduação. Eu lembro que os docentes e estudantes que defendiam ideias marxistas, por exemplo, eram vistos como perturbadores da ordem do *campus*.

— Eu já percebi isso em uma escola particular que eu trabalhei, Vini. O comportamento dos estudantes bolsistas eram os mais vigiados e questionados.

— Muito legal esta discussão de classe que a bell hooks faz, não vejo a hora de chegar nesse capítulo. Uma coisa que a gente pode fazer quando terminarmos a leitura dos dois livros é aprofundarmos a discussão sobre classe. Acho que agora a gente pode discutir o último texto né. Mas antes, podemos fazer um intervalinho de 15 minutos. O que acham?

— Eu acho uma boa, Cíntia.

— Eu também, meninas.

— Voltei, jovens. Estou animada pra discutir o texto do Sílvio Gallo, eu já tinha lido, mas escolhi porque achei que seria produtivo revisitá-lo, a partir de uma discussão coletiva.

— Você está colocando muita expectativa na gente, Le, pega leve (risos).

— Também acho, Vini. Posso começar?

— Claro, Cíntia - disse eu e Le, em sintonia.

— Bom, eu gostei muito do texto do Gallo. Eu notei algumas intersecções com os livros, em especial com o da bell hooks, principalmente em relação às discussões sobre resistência. Eu gostaria de discutir um pouco sobre o professor militante e o professor profeta. Achei geniais esses dois conceitos. Fiz umas anotações aqui sobre isso, vou compartilhar com vocês.

— A Cíntia e seus fichamentos....

— Sempre, né. As fichas facilitam minha vida. Para mim, o conceito de professor profeta soou como uma crítica a certos sujeitos da educação. O professor profeta é aquele que é crítico, consciente de seu papel político e anuncia a possibilidade de um mundo novo, porém, ele se mantém distante, não vivencia a realidade de seus alunos e está inclinado a uma certa individualidade. Já o professor militante, nas palavras do Gallo, “seria não necessariamente aquele que anuncia a possibilidade do novo, mas sim aquele que procura viver as situações e dentro dessas situações vividas produzir a possibilidade do novo. Nesse sentido, o professor seria aquele que procura viver a miséria do mundo, e procura viver a miséria de seus alunos, seja ela qual miséria for, porque necessariamente miséria não é apenas uma miséria econômica; temos miséria social, temos miséria cultural, temos miséria ética, miséria de valores. Mesmo em situações em que os alunos não são nem um pouco miseráveis do ponto de vista econômico, certamente eles experimentam uma série de misérias outras. O professor militante seria aquele que, vivendo com os alunos o nível de miséria que esses alunos vivem, poderia, de dentro desse nível de miséria, de dentro dessas possibilidades, buscar construir coletivamente”<sup>13</sup>. O que ficou pra mim com essa diferenciação é que o professor profeta seria tanto aquele professor que só anuncia possibilidades, mas não as coloca em prática ou pode ser também aquele que coloca em prática algumas ações, mas é guiado por uma certa individualidade e seus atos são isolados. O professor militante vai por um caminho diferente. Fiquei pensando que não é muito produtivo afirmar que esse ou aquele professor é profeta, visto que ser professor profeta ou militante não é uma identidade fixa. O que vocês acham?

— Eu concordo com você, Cíntia. Pode ter momentos que somos professores profetas e outros momentos que somos militantes.

— E outros momentos que não somos nenhum nem outro (risos).

— Realmente, Le. Um outro ponto que me chamou a atenção nessa parte seria sobre as instâncias em que ocorrem as lutas do professor militante. Na página 171 do artigo, Gallo diz: “Essa é uma luta que deve dar-se em diversos ângulos e em diversos níveis. Ela deve dar-se no

---

<sup>13</sup> Gallo (2002, p. 171)

ângulo do cotidiano da sala de aula, ela deve dar-se nas relações que o professor trava com seus colegas no ambiente de trabalho, ela deve dar-se com as relações que o professor trava no seu ambiente social, mais amplo, mais geral, e ela deve dar-se também nas relações que o professor trava na luta sindical”<sup>14</sup>. Pelo que eu entendi desse trecho, a luta do professor militante não se restringe ao território escolar, ela pode ir para além dele. Eu fiquei um pouco triste, pois nem na escola eu estou sendo uma professora militante.

— Relaxa, amiga. Eu tenho certeza que você já foi em algum momento uma professora militante. Além disso, nunca é tarde para ser.

— Falou tudo, Vini. Não se cobre tanto, Cíntia. Bom, um outro conceito importante do artigo que eu anotei aqui na ficha, que se relaciona diretamente com o conceito de professor militante, seria o conceito de educação menor. Mas antes de falarmos dele, acho que seria interessante falarmos do conceito de literatura menor, de Deleuze e Guattari, visto que vem dele o conceito de Sívio Gallo. Deleuze e Guattari propuseram o conceito de literatura menor como modo de analisar a obra de Franz Kafka, que se apropriou de modo estratégico da língua alemã em tempos de dominação estrangeira, subverteu-a e construiu, a partir dela, uma literatura outra. Porém, como afirmam Deleuze e Guattari em Kafka: Por uma literatura menor: “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior”<sup>15</sup>. Além disso, uma literatura menor é marcada por três importantes características: a desterritorialização da língua, a ramificação política e o valor coletivo. A compreensão do conceito de desterritorialização da língua pode ser auxiliada com a apresentação do conceito de território. Guattari e Rolnik esclarecem, em Micropolítica: cartografias do desejo, que “a noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente ‘em casa’. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos”<sup>16</sup>. Assim, em linhas gerais, a desterritorialização é um movimento pelo qual se abandona um território (não necessariamente um abandono literal) ou se produz um novo território a partir de um território anterior. Portanto, a desterritorialização da língua é um processo de subversão da língua central e desintegração de suas territorialidades bem definidas. Ao subverter uma literatura maior, a literatura menor produz um ato político, torna-se política, nas palavras de Gallo: “Não que uma literatura menor traga necessariamente um conteúdo político expresso de forma direta, mas ela própria, pelo agenciamento que é, só pode ser política. Sua existência é política: seu ato de ser é antes de tudo um ato político em essência”<sup>17</sup>. Na literatura menor a coletividade predomina sobre as individualidades. A literatura adquire função de enunciação coletiva e revolucionária, desloca o artista de sua posição de centralidade e abre espaço para o protagonismo da comunidade como um todo. Para Deleuze e Guattari: “A máquina literária substitui assim uma máquina literária futura, não inteiramente por razões ideológicas, mas porque somente está determinada a preencher as condições de uma enunciação coletiva que faltam em toda parte neste meio: *a literatura tem a ver é com o povo*”<sup>18</sup>.

---

<sup>14</sup> Gallo (2002, p. 171)

<sup>15</sup> Deleuze e Guattari (1977, p. 25)

<sup>16</sup> Guattari e Rolnik (1986, p. 323)

<sup>17</sup> Gallo (2002, p. 172)

<sup>18</sup> Deleuze e Guattari (1977, p. 27, grifos dos autores)

— Caraca, Le, você fez o dever de casa em, apresentou textos que nem tínhamos combinado de ler.

— É que eu tinha algumas anotações e consultei um artigo de dois amigos meus que trabalharam com o conceito de literatura menor e educação menor. Você iria gostar deste artigo<sup>19</sup>, Vini. Vou te mandar depois.

— Me manda sim, amiga, obrigado. Deixa eu te perguntar, a partir da definição de território que você apresentou, que confere um sentido amplo à palavra, a educação pode ser considerada um território?

— Olha, ao meu ver sim. Deleuze e Guattari pensam território para além do território físico.

— Me pareceu interessante a ideia de desterritorializar a educação. No nosso caso, desterritorializar a Matemática, a Educação Física e a Filosofia. Acho que para terminarmos eu vou falar um pouco do conceito de educação menor, que é um deslocamento do conceito apresentado pela Le, e fazer uma proposta para vocês que me ocorreu depois que li os textos. Assim como ocorreu com os conceitos apresentados pela Cíntia, antes de falar sobre o conceito de educação menor, precisamos entender o que seria o conceito de educação maior. A educação maior seria aquela que está instituída, pelas políticas públicas de educação, pelos parâmetros, pelas diretrizes, pela constituição, pela LDB, pela BNCC, e outros. Para utilizar os termos de Sílvio Gallo, a educação maior é aquela produzida na macropolítica e nos gabinetes pelas “cabeças bem-pensantes” a serviço do poder, guiadas pela busca pelo controle. Por sua vez, a educação menor, nas palavras de Gallo, é uma educação que ocorre no interior da educação maior, é a educação do dia a dia da sala de aula, “é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância”<sup>20</sup>. A partir desses conceitos e das discussões dos outros textos, eu pensei em fazer um convite: vocês topam colocar em movimento uma educação menor na nossa escola?

— Interessante, Vini. O que você tem em mente?

— Então, eu pensei em construirmos uma ação coletiva entre estudantes e docentes. Nós poderíamos dialogar com os estudantes e a partir das sugestões levantadas, a gente elabora algo. Uma possibilidade seria trabalharmos a partir das demandas dos estudantes. Poderíamos reservar alguns minutos das próximas aulas para conversar com eles.

— Eu gostei. É uma oportunidade de deixarmos de ser professores profetas e sermos um pouco militantes.

— Concordo, Cíntia. Acho que é também a oportunidade de vivenciarmos na prática a teoria.

— Combinado então, meninas. Eu amei nosso primeiro encontro.

— Eu também, não vejo a hora de nos reunirmos novamente.

— Eu que o diga, Cíntia. Se já está sendo legal a distância, imagina quando pudermos fazer encontros presenciais. Já podem comprar o vinho e irem treinando na cozinha, 2022 já está logo ali. Para o próximo encontro a gente pode ler mais dois capítulos do livro da bell hooks e finalizar o livro da Clarice?

— Fechou, Le.

— Combinado. Beijinhos.

---

<sup>19</sup> Risso e Rodrigues (2020)

<sup>20</sup> Gallo (2002, p. 173)

— Segue um daqueles poemas dos meus alunos que eu tinha falado, escrito pelo Leonardo. Beijis:

*Céu de março*

Sinto falta das pipas  
 Das inquietas rabiolas das pipas...  
 O céu de dezembro agora se chama céu de março  
 Liso, vazio e aquele mormaço  
 Onde vocês estão?  
 Humanos são vistos através das janelas  
 Como soldados de sentinela  
 Bola murcha  
 O chão do campinho já perdera suas marcas  
 Agora abriga éguas, cavalos e até umas cabras  
 Aplausos para a bola de feno  
 Dias atrás liguei para o Fred  
 Estamos num episódio de *The Walking Dead*?  
 Saudades da vizinhança  
 O silêncio das ruas é o grito da morte  
 Não posso arriscar  
 Ainda estou com sorte  
 Música de suspense  
 O som do atabaque ecoa na mente  
 Aquele dramão que só a gente sente  
 De onde vem essa luz?  
 A tela se tornou minha droga  
 Liga, clica, loga e desloga  
 Loga de novo  
 Jogatina começou  
 Pai tá on.

\*\*\*

O que eu vou fazer neste domingo preguiçoso? As opções são: assistir o último episódio de Pose, começar O Gambito da Rainha, fazer um piquenique, ler e ligar para os meus pais. Acho que vou escolher todas.

Não estou acostumado a fazer piqueniques sozinho e muito menos em lugares que não tem ninguém. Mas de certo modo eu não estou sozinho. Convidei a Clarice Lispector para me fazer companhia. Acho que vou terminar Água Viva hoje.

Terminei o piquenique e faltaram 11 páginas para eu terminar o romance da dona Clarice. Amanhã à noite eu finalizo tomando uma taça de vinho, será um final glorioso. Só falta ligar para os meus velhinhos. Vou tomar um banho antes.

É hora de começar a semana e conversar com os estudantes sobre a nossa proposta. Tenho duas aulas com o 3º A e duas com o 3º C. Estou ansioso para saber as ideias deles. Em algumas aulas minhas, principalmente quando estamos começando a estudar um conteúdo novo, para planejamento e execução das mesmas, uso a Teoria das Situações Didáticas, proposta por Guy Brousseau. Tendo ela como uma das minhas referências eu não explico o conteúdo e depois passo exercícios, ao contrário, primeiramente eu proponho uma atividade

(problema, jogo, etc.) e depois formalizo os conteúdos. Ocorrendo a situação de devolução (aceitação do problema por parte dos estudantes), eles passam por três situações adidáticas (situação de ação - o aluno realiza uma ação inicial como tomar decisões, realizar proposições, etc.; situação de formulação - o aluno formula hipóteses, ideias, conjecturas a partir da interação direta ou indireta com outro aluno/grupo e o meio; e situação de validação - os alunos validam as hipóteses ou informações levantadas durante a atividade). É só depois destas quatro situações que ocorre a institucionalização. A situação de institucionalização é aquela na qual o professor busca realizar a identificação e formulação dos conteúdos, considerando-se a atividade dos estudantes nas situações anteriores<sup>21</sup>.

— Bom pessoal, nesses vinte minutos que restam, eu gostaria de conversar um pouco com vocês. Em conversa com as professoras Cíntia e Letícia, nós decidimos realizar uma ação coletiva, que também pode ser chamada de projeto, chamem como quiserem. Gostaríamos de convidá-los a participar com a gente e a sugerirem possibilidades. Vocês podem fazer sugestões a partir das demandas de vocês. Pode ser também algo relacionado a escola ou a região onde vocês moram, algo que poderia ser mudado, coisas assim.

— Eu queria que tivesse uma pista de skate no meu bairro, profe.

— Eu queria que meus pais trabalhassem menos.

— Eu queria que meu pai conseguisse emprego, ele está a um tempão procurando e nada.

— Eu queria que o Raul tivesse internet e computador para participar das aulas com a gente.

— Você me copiou Laura, eu queria que a Julia participasse das aulas.

— Eu queria que todos participassem das aulas, ter um monte de gente é legal.

— O Pedro, mesmo, não está participando porque os pais não podem pagar a internet banda larga e a de dados não dá pra fazer tudo o que precisa das aulas.

— Professor, acho que o maior problema é a internet, no bairro em que eu moro não funciona banda larga, nem que tenha dinheiro para pagar. Eu só consigo participar das aulas *online* porque venho na casa do meu tio.

— A gente não pode fazer alguma coisa para que todos possam assistir às aulas, professor?

— A gente pode tentar, pessoal. Como muitos de vocês falaram sobre a ausência dos colegas, podemos pensar em algo nesse sentido. Pelo que entendi o maior problema é o acesso à internet, né. Eu vou levar o que conversamos para a Letícia e a Cíntia e em breve conversaremos novamente. Muito obrigado pelas sugestões. Até a próxima aula pessoal, um forte abraço.

— @Cíntia @Le, conversei com os alunos na aula de hoje. Vocês conversaram?

— Conversei, Vini.

— Eu também.

— Nos dois terceiros o que mais saiu foi a ausência dos colegas nas aulas, que eles sentiam falta.

— Isso surgiu na minha também, Vini, mas não foi pela grande maioria, as sugestões foram diversas.

— Comigo aconteceu a mesma coisa que você, Vini. Eles querem que a gente ajude os colegas a participarem da aula.

— Como nós três relatamos a questão da ausência, poderíamos ir por esse caminho né.

— Por mim pode ser.

---

<sup>21</sup> Brousseau (2008)

— Por mim também. Mas o que a gente poderia fazer? O que impede que todos participem?

— Pelo que conversamos na aula o ponto chave é o acesso à internet. Nem todos tem banda larga em casa e o acesso por internet de dados, quando eles têm, é bem limitado. Acho que a gente tem que pensar em algo que garanta o acesso à internet para todos, não dá para ajudar alguns e deixar outros de lado.

— Concordo, Vini. Acho que uma possibilidade seriam as políticas públicas.

— Eu tenho uma amiga que é vereadora. E se a gente conversasse com ela e elaborássemos um projeto de lei municipal, que garantisse o acesso à internet para todos os estudantes.

— Ideia maravilhosa, Cíntia. Cheia dos contatos, ela.

— Arrasou, amiga. Estou animado. Eu vou criar um arquivo no Google Docs e adicionar vocês e a sua amiga vereadora, Cíntia.

— Concordo. A gente também pode continuar o diálogo com os estudantes e fazer uma consulta com a população. Na próxima aula vou compartilhar com eles a ideia de um projeto de lei para resolver a questão da internet para todos.

— Você tocou em pontos importantes, Cíntia. A gente precisa do apoio da população. A gente pode fazer um abaixo assinado também. Mostrar para as vereadoras e vereadores e para o prefeito que o projeto de lei vai atender muitas pessoas.

— Bem pensado, Le. Mãos à obra.

\*\*\*

Acho que a primeira versão do projeto de lei está pronta. Vou conversar com a Cíntia e a Le.

— Oi, meninas, como vocês estão? Hoje na aula expliquei também como funciona a criação e aprovação de uma lei municipal. Foi bem legal. Por falar nisso, acho que a primeira versão do nosso projeto de lei está pronta. O que vocês acham?

— Eu concordo, Vini. Trabalhamos muito nele, é hora de apresentar à câmara.

— Eu também concordo que é uma boa primeira versão. Estou nervosa. Eu consegui bastante assinaturas da população. Acho que isso ajudará muito.

—Meninas, fiquei pensando numa coisa esses dias, o nosso engajamento na escrita do projeto de lei fez com que nos aproximássemos do conceito de “professor militante”, que Sílvio Gallo aborda naquele texto que lemos no clube do livro. Nós não nos restringimos a anunciar, como um professor profeta, que havia um problema de acesso à internet a ser resolvido, mas como o autor diz no texto, nós buscamos construir coletivamente a partir do contexto dos nossos alunos, tentamos colocar em prática algo para mudar a realidade deles. Que venha a aprovação na câmara e pelo prefeito. Que venham novos projetos.

## POSFÁCIO

*(...) escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra - a entrelinha - morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente (Clarice Lispector, 1998, p. 21-22).*

Será que temos escrito distraidamente como propõe Clarice Lispector? Essa é uma pergunta interessante a ser direcionada para nós da Educação (Matemática). Ela inaugura a possibilidade de pensarmos sobre as políticas de escrita e narratividade de nosso campo. Podem surgir, então, perguntas como “quais as estruturas dos trabalhos em Educação (Matemática)?” ou “que outras possibilidades de escrita podem ser adotadas nos nossos trabalhos acadêmicos?”.

Uma possibilidade que vem ganhando força nos últimos anos, no contexto da Educação Matemática, consiste na escrita ficcional, que é fruto de aproximações com a literatura. Alguns exemplos desse tipo de escrita podem ser encontrados em Vianna (2001), Galetti (2004), Silva (2006), Fernandes (2011), Rodrigues (2015), Lopes (2016), Silva (2016), Morais (2017), Amaris-Ruidiaz e Miarka (2018), Amaris-Ruidiaz (2018), Gomes (2018, 2020), Rotondo e Dutra (2018), Maffei e Silva (2018), Lopes e Gondim (2018), Morais (2017, 2018), Flores, Kerscher e Francisco (2018), Gonçalves Júnior (2018), Fernandes (2014, 2018), Pinto (2013, 2018), Tamayo-Osorio e Mendes (2018), Català e Henriques (2018), Viola dos Santos (2018), Oliveira (2018), dentre outros.

Inspirados nestes e outros trabalhos, apresentamos aqui um conto que mostra uma inusitada aventura de três docentes de uma escola pública localizada em Brazindo do Norte. Com este conto, que pode ser considerado uma experimentação que se inscreve na interface entre literatura, Filosofia da Diferença, política e Educação (Matemática), mobilizamos alguns conceitos e ideias de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Sílvia Gallo, bell hooks e Clarice Lispector. Para o presente texto estamos entendendo a escrita ficcional/literária a partir da concepção de Viola dos Santos e Pinto (2018, p. 05-06):

A ficção pode ser um processo de teorização na pesquisa em Educação Matemática. Ela, sempre movimento, pode ser operada em tentativas de explorar outros espaços, sentidos e efeitos nos contextos da produção científica. Pode ser uma máquina de guerra a causar fissuras nos rígidos muros que cercam nossa área, neste caso, atuando não de fora, mas de dentro dos muros. A ficção não é uma alegoria, nem mesmo um mero recurso estilístico. Trata-se de um movimento, um processo no qual podemos explorar questões invisíveis aos modos mais tradicionais de produzir pesquisas. Questões por vezes importantes para o pesquisador, mas que são escamoteadas por um modo higienista de produzir textos acadêmicos.

Se tivéssemos que apresentar o objetivo do conto apresentado, teríamos uma tarefa difícil, visto que as possibilidades são muitas. Mas podemos tentar. Nosso objetivo foi proporcionar uma leitura-experiência sobre professores militantes e convidá-los a experimentarem a escrita ficcional/literária em vossos textos. Esperamos que vocês, caros leitores, não tenham se restringido a compreender o conto apresentado, ao contrário, que tenham buscado se perguntar com o que ele funciona, “em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11).

Mas acreditamos que melhor que explicar é experienciar. A partir do que escrevemos muitas coisas podem ser suscitadas, nossa intenção é que você, caro leitor, possa ter experienciado o conto e que possa ter sido levado a lugares que não prevíamos. Clarice Lispector (1998, p. 95) diria: “Tudo acaba mas o que te escrevo continua. O que é bom, muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas”.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.
- AMARIS-RUIDIAZ, P. J. **Encontros e fluxos numa escola**: educadora matemática em potência de criação, fratura e resistência. 2018. 172 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2018.
- AMARIS-RUIDIAZ, P. J.; MIARKA, R. Escrita-corpo-experiência e literatura: que pode o escrever (na pesquisa) [em educação matemática]?. **ALEXANDRIA** (UFSC), Florianópolis, v. 11, p. 13-31, 2018.
- BROUSSEAU, G. **Introdução ao estudo da teoria das situações didáticas**: conteúdos e métodos de ensino. São Paulo: Ática, 2008.
- CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CATALÀ, C. A.; HENRIQUES, M. D. Geometria e o assassinato no “Mathematics Express”. **ALEXANDRIA** (UFSC), Florianópolis, v. 11, p. 233-246, 2018.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- EVARISTO, C. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FERNANDES, D. N. **Sobre a formação do professor de Matemática no Maranhão**: cartas para uma cartografia possível. 2011. 389f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2011.
- FERNANDES, F. S. **A quinta história**: composições da Educação Matemática como área de pesquisa. 2014. 235f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2014.
- FERNANDES, F. S. Notas sobre ficção, histórias de vida e pesquisa em educação matemática: a propósito de O Impostor, de Javier Cercas. **ALEXANDRIA** (UFSC), Florianópolis, v. 11, p. 165-182, 2018.
- FLORES, C. R.; KERSCHER, M. M.; FRANCISCO, B. M. Escritas em passagens, investigadores infantes e matemáticas brincantes. **ALEXANDRIA** (UFSC), Florianópolis, v. 11, p. 129-142, 2018.
- GALETTI, I. P. **Educação Matemática e Nova Alta Paulista**: orientação para tecer paisagens. 2004. 2010f. Dissertação de mestrado em Educação Matemática - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2004.
- GALLO, S. Em torno de uma educação menor. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 169-178, 2002.
- GOMES, D. O. Nas dobras de práticas de licenciatura em matemática: um exercício narrativo antropofágico de rigor. **ALEXANDRIA** (UFSC), Florianópolis, v. 11, p. 33-54, 2018.
- GOMES, D. O. **Rigor sem Órgãos**: em meio a relações discursivas, (r)ex(s)istências possíveis. 2020. 206f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2020.
- GONÇALVES JÚNIOR, M. A. O que mais se pode dizer sobre teoria e prática? Ou: como ainda se pode dizer? Ou: pode-se ainda dizer? Um ensaio sobre teoria e prática em educação matemática. **ALEXANDRIA** (UFSC), Florianópolis, v. 11, p. 143-164, 2018.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.
- hooks, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- JESUS, C. M. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

- LÍSIAS, R. **Divórcio**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- LISPECTOR, C. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LOPES, R. M. G. **Histórias de uma pesquisa(dora) em uma escola do campo com professores que lecionam Matemática**. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, 2016.
- LOPES, R. M. G.; GONDIM, D. M. Ficção-Fricção: operando aberturas de ar e produzindo educação matemática de/na/com/para educação do campo. **ALEXANDRIA** (UFSC), Florianópolis, v. 11, p. 87-105, 2018.
- MAFFEI, L. Q.; SILVA, J. A. Encontros com a matemática na terra de Oz. **ALEXANDRIA** (UFSC), Florianópolis, v. 11, p. 71-86, 2018.
- MORAIS, A. C. L. **Licenciatura em Matemática da UFMS: movimentos precursores e implantação de um curso a distância**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2017.
- MORAIS, M. B. **Se um viajante...** Percursos e Histórias sobre a formação de professores de Matemática no Rio Grande do Norte. 2017. 1009f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, 2017.
- MORAIS, M. B. Forma, literatura e narrativa ficcional na busca por comunicar: possibilidades para as pesquisas em Educação Matemática. **ALEXANDRIA** (UFSC), Florianópolis, v. 11, p. 107-127, 2018.
- OLIVEIRA, A. B. **Licenciaturas em Matemática como produção narrativa: uma abertura para experiências**. 2018. 420f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.
- PINTO, T. P. **Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica**. 2013. 379f. Tese (Doutorado em Educação para as Ciências) - Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, 2013.
- PINTO, T. P. Isto é (ou não é) um cachimbo?. **ALEXANDRIA** (UFSC), Florianópolis, v. 11, p. 183-205, 2018.
- RISSO, J. P.; RODRIGUES, T. D. Desterritorializando a aula de Matemática: o que pode um professor militante no âmbito de uma educação matemática menor? **Boletim Online de Educação Matemática**, v. 8, p. 216-231, 2020.
- RODRIGUES, T. D. **Práticas de exclusão em ambiente escolar**. 2015. 243 f. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2015.
- RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ROTONDO, M. S.; DUTRA, L. B. No desarranjo do arranjo: processos formativos em experimentação com geometrias. **ALEXANDRIA** (UFSC), Florianópolis, v. 11, p. 55-69, 2018.
- SANTOS, A. **Rastros de resistência: histórias de luta e liberdade do povo negro**. São Paulo: Panda Books, 2019.
- SILVA, H. **Centro de Educação Matemática (CEM): fragmentos de identidade**. 2006. 448f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, 2006.
- SILVA, N. C. **Cenas sobre a formação e atuação de professores de Matemática de Paranaíba/MS na segunda metade do século XX**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Matemática, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.
- TAMAYO-OSORIO, C.; MENDES, J. Aspectos: o problema na matemática escolar e o dilema como acontecimento. **ALEXANDRIA** (UFSC), Florianópolis, v. 11, p. 207-231, 2018.
- VIANNA, C. R. **Vidas e circunstâncias na Educação Matemática**. 2000. 573f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- VIOLA DOS SANTOS, J. R.; PINTO, T. P. Apresentação. **ALEXANDRIA** (UFSC), Florianópolis, v. 11, p. 3-11, 2018.

VIOLA DOS SANTOS, J. R. O matemático e a barata. **ALEXANDRIA** (UFSC), Florianópolis, v. 11, p. 247-260, 2018.

**Submetido em julho de 2023.**  
**Aprovado em dezembro de 2023.**

**João Paulo Risso**

Doutorando em Educação Matemática na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. ID Lattes: 7712142437485115. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-0552-7034>.

**Contato:** joaormat@gmail.com

**Thiago Donda Rodrigues**

Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), professor da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Paranaíba, Mato Grosso do Sul, Brasil. ID Lattes: 8621868468317480. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3125-7779>.

**Contato:** thiago.rodrigues@ufms.br

**Everton Dutra Colodetti**

Mestrando em Educação Matemática na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande (SEMED), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. ID Lattes: 5419323115600477. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-0012-4201>.

**Contato:** evertoncolodetti86@gmail.com.